

## EXPERIMENTAÇÕES PERFORMÁTICAS: ACOLHER, ESQUIVAR, CIRCULAR E ABRIR POTÊNCIA

Performing Experiments: welcoming, dodging, circulating and opening powers

Experimentos de actuación: acoger, esquivar, circular y abrir potencia

Andréa do Amparo Carotta de Angeli   
<https://orcid.org/0000-0002-2406-5920>  
Departamento de Terapia Ocupacional  
Universidade Federal de Santa Maria  
Santa Maria, RS, Brasil

De Angeli, A.A.C. (2022). Experimentações performáticas: acolher, esquivar, circular e abrir potência. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 6(3), 1133-1151. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto48199

### Resumo

**Introdução:** A literatura recente discute o fortalecimento do campo de atenção em terapia ocupacional na interface corpo, artes e a cultura, compreendendo a importância e as contribuições deste profissional. Este trabalho apresenta parte das considerações finais da pesquisa intitulada: "Potências clínicas nos corpos em criação nas experimentações artísticas do programa TOCCA" e discute as práticas e os saberes transdisciplinares entre corpo, arte e clínica em terapia ocupacional por meio da análise do dispositivo grupal "experimentações performáticas". Objetivo: cartografar, nos processos de criação atravessados pelo fazer artístico, os modos como se presentificam e performam a si mesmos os diferentes sujeitos individual e coletivamente. **Método:** Desenvolvida por meio da cartografia, observou-se o registro em diários de campo, em prontuários do grupo e em imagens e fez-se um estudo de material teórico referente às interfaces entre as artes e terapia ocupacional. Por meio da imersão, neste material, teceu-se narrativas. Por se tratar de uma pesquisa cartográfica, em todo percurso, produziu-se a análise e as implicações da pesquisadora foram igualmente consideradas. **Resultados:** Apresentam os deslocamentos necessários dos lugares instituídos por cada disciplina, como fundamentais para o surgimento e a ampliação das potências clínicas e estéticas do dispositivo, bem como para instauração e produção do comum. **Conclusão:** Acredita-se que esse deslocamento denota uma posição política importante para terapeutas ocupacionais, aliados a um movimento de resistência às lógicas dominantes na produção de conhecimentos e nas práticas em terapia ocupacional contemporânea.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional. Corpo (psicofisiologia). Arte. Cartografia

### Abstract

**Introduction:** Recent literature discusses the strengthening of the occupational therapy care field in the body, arts and culture interface, understanding the importance and contributions of this professional. This work presents part of final considerations of the research entitled: "Clinical potencies in bodies under creation in the artistic experiments of the TOCCA program" and discusses the practices and transdisciplinary knowledge between body, art and clinic in occupational therapy through the analysis of the group device "experimentations performances". Objective: to map the ways in which the different subjects individually and collectively present themselves and perform in the creative processes traversed by artistic making. **Method:** Developed through cartography, it was observed the registration in field diaries, in group records and in images, and a study of theoretical material regarding the interfaces between the arts and occupational therapy was carried out. Through immersion in this material, narratives were woven. As this is a cartographic research throughout, the analysis was produced and the implications of the researcher were equally considered. **Results:** They present the necessary displacements of the places instituted by each discipline as fundamental for the emergence and expansion of the clinical and aesthetic potencies of the device, as well as for the establishment and production of the common. **Conclusion:** It is believed that this shift denotes an important political position for occupational therapists, allied to a movement of resistance to the dominant logics in the production of knowledge and practices in contemporary occupational therapy.

**Keywords:** Occupational Therapy, Psychophysiology Art. Cartography.

### Resumen

**Introducción:** El grupo de estudio remoto, como acción del proyecto de extensión, surge a partir del aislamiento social provocado por la pandemia y la necesidad de complementar conocimientos sobre un recurso de tecnología asistiva desarrollado por terapeutas ocupacionales - ortesis. Objetivo Describir el potencial de una acción remota de extensión en ortesis en la formación de estudiantes en Terapia Ocupacional. **Método:** Se trata de una investigación con abordaje cuantitativo, de carácter exploratorio-descriptivo. Los datos fueron recolectados a través de un cuestionario con preguntas cerradas de opción múltiple, y enviados a los estudiantes que formaban parte del grupo de estudio remoto, con una participación mínima de dos encuentros, por contacto electrónico. **Resultados:** Se percibe que el grupo de estudio remoto tiene un impacto positivo en la formación (80%), principalmente por el acceso a artículos científicos actualizados, el intercambio de información sobre el tema estudiado y el conocimiento sobre diferentes modelos de ortesis dispensadas (100%). Se observa que aún con el regreso presencial de las actividades académicas es posible mantener las actividades de manera remota (40%), ya que el grupo de estudio tiene sus beneficios para la formación como futuro profesional (93,3 %), siendo una herramienta en la articulación entre docencia, investigación y extensión (86,7%). **Conclusión:** Independientemente de la retroalimentación presencial en las instituciones educativas, el grupo de estudio, remoto o no, es importante para la formación, sobre todo para complementar los conocimientos teóricos sobre ortesis.

**Palabras clave:** Difusión de la Información. Educación a Distancia. Relaciones Comunidad-Institución. Aparatos Ortopédicos. Terapia Ocupacional

## 1. Introdução

“De que lugar se projetam os Paraquedas?

Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho”

(Krenak, 2019, p.65)

O presente texto apresenta parte das considerações finais da pesquisa intitulada: “Potências clínicas nos corpos em criação nas experimentações artísticas do programa TOCCA<sup>1</sup>: Práticas e saberes transdisciplinares entre as artes e a saúde - ação de extensão do Departamento de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria”, que buscou, por meio da cartografia, analisar os modos como se presentificam e performam a si mesmos os diferentes sujeitos quando em processos de criação, movidos pelos atravessamentos da criação em arte. Observa-se e problematizam-se os processos de criação naquilo que afirmam de diferença, de potências clínicas, estéticas e políticas, e, neste sentido, como produzem resistência aos modelos hegemônicos de produção de subjetividade. Para tanto, investigou-se os dispositivos desenvolvidos de modo transdisciplinar no programa TOCCA. Neste sentido, procurou dar visibilidade e dizibilidade às diferentes linhas que atravessam a constituição destes dispositivos, suas forças de resistência e de invenção, no que tange a afirmação da subjetividade, e a constituição de novos modos de viver junto, bem como suas capturas pelas forças dominantes de subjetivação, pelas durezas que aparecem nos diálogos com os sujeitos, os espaços da cidade e a própria instituição universitária<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa sob o número CAAE: 83521318.8.0000.5346.

<sup>2</sup>. A pesquisa aconteceu entre os anos de 2018 e 2020 e, em seu último ano, contou com apoio de um bolsista por meio do edital de Financiamento à Pesquisa Centro de Ciências da Saúde - FIPE SENIOR

<sup>3</sup>. <https://laboratoriodoprocessoformativo.com>

Nesta direção, a pesquisa buscou o fortalecimento deste lócus transdisciplinar a que se propõe o programa, buscando investigar e cartografar o ponto de mutação quando pela criação, a vida alimenta a arte e a arte potencializa a vida.

Conduziu-se por dar expressão à pergunta acerca de como os processos de criação experimentados a partir de práticas corporalistas em dispositivos construídos na interface das artes com a saúde podiam vir a potencializar a produção em artes, ao mesmo tempo que a de clínica, ao afirmar modos de vida singulares e novas formas de viver junto. O trabalho se debruçou sobre os textos do autor norte-americano Stanley Kelleman, bem como suas traduções e leituras, outras empreendidas pela autora brasileira Regina Favre<sup>3</sup>. A autora mantém um ativo laboratório de estudos onde disponibiliza diversos materiais teóricos e imagéticos de estudo dos corpos no Brasil e foi uma importante interlocução para compreensão, estudos práticos e o pensamento teórico a respeito da expressão dos corpos brasileiros. Assim, procurou dar visibilidade às narrativas somático-existenciais dos processos criativos e sua relação com a clínica em terapia ocupacional, bem como às potências políticas presentes nas manifestações criativas no que tange a afirmação da subjetividade e a constituição de novos modos de viver junto.

Alguns autores em terapia ocupacional, nos últimos anos, vêm problematizando os estudos dos fazeres humanos, em especial, os ligados ao campo das artes, repensando seus usos no trabalho clínico e o lugar da cultura e das artes na produção da vida cotidiana.

A literatura recente discute e apresenta o fortalecimento do campo de atenção em terapia ocupacional na interface corpo, artes e a cultura, compreendendo a importância e as contribuições deste profissional, assim como as tessituras de saberes transdisciplinares que surgem. Aparecem também relatadas as diferentes inserções de terapeutas ocupacionais em equipamentos que compõem o Sistema Nacional de Cultura e outras instituições do terceiro setor que comportam projetos na direção da emancipação social e o direito à cultura, à produção e fruição em arte (Silva et al, 2018; Cardinalli & Castro, 2019; Valent et al, 2016; Silva & Lima, 2015).

Terapeutas ocupacionais vêm, desde o final dos anos 1980, com a implantação do sistema único de saúde e a humanização, integralização e territorialização do cuidado em saúde, com os movimentos sociais de luta pelos direitos das pessoas com deficiências e de luta antimanicomial, buscando a construção de práticas territorializadas, em diálogo com os sujeitos e comunidades, fortalecendo ações em busca de consolidar a cidadania (Castro et al., 2016). Desse modo, estabelecendo com diferentes campos do conhecimento acadêmico e popular, conversas e partilhas, análises contextualizadas em busca da transformação real da vida para todos e todas. Tomando-se, neste processo, a cidadania como eixo de suas ações, os profissionais modificaram suas compreensões acerca dos processos saúde-doença do que seja reabilitação, do que se pensa acerca das atividades humanas em suas dimensões sociais e individuais e, portanto, das formas de se constituir o raciocínio e a construção de procedimentos terapêuticos ocupacionais.

Mais recentemente, atentos aos processos de produção da cotidianidade, que são atravessados pelos regimes de saber-poder que se perpetuam, reproduzem-se e se diferenciam, ligados às lógicas da colonialidade, do patriarcado e do neoliberalismo, observamos um deslocamento crítico em busca daquilo que pode vir a afirmar a vida em sua potência singular e que se colocam a resistir às formas hegemônicas de subjetivação estabelecidas (Cardinalli et al., 2021; Galheigo, 2020; Lima, 2019; Cardinalli & Castro, 2019; Silva et al., 2019). Em outra direção, essas propostas teórico-metodológicas recolocam e fortalecem uma problematização do sentido político das ações em terapia ocupacional, questionando o rumo de práticas que se propõem à manutenção e à adaptação à realidade dada. E nos fazem pensar: que é que essas vidas consideradas dissidentes<sup>4</sup> nos propõem? Que outros mundos abrem ao sentir, ao pensar, ao agir? Como construir modos de partilha dessas diferentes formas de viver, acessando uma vida em comum, sem desconsiderar que somos afetados em nossas diferenças também?

Acredita-se na importância de se ampliar estudos que discutam a experimentação, dentre elas, as de diferentes linguagens artísticas e práticas corporalistas no que tange a construção de um conhecimento que transversaliza os campos da saúde e das artes. O saber transdisciplinar problematiza a disciplinarização do conhecimento, oriundo de certa perspectiva científica moderna que se tornou hegemônica, bem como os saberes do corpo aliados às práticas de criação problematizam corpos-sujeitos e suas performances nos fazeres cotidianos. Cabe destacar que a vizinhança com o campo das artes tem possibilitado aos terapeutas ocupacionais um conhecimento acerca da produção da diversidade humana e a importância da afirmação de uma estética na existência e, com isso, o acesso à produção de um modo de viver junto na heterogeneidade. Agenciam-se, assim, práticas e saberes que engendram um “fim de mundo”<sup>5</sup> tal qual o conhecemos e que abrem para o surgimento de outros mundos possíveis, outras sociabilidades, outras trocas afetivas e materiais, outras cotidianidades pautadas na afirmação da diferença.

### **Das constituições do TOCCA e seus desdobramentos no coletivo Experimentações Performáticas**

“Como instaurar espaços de encontro onde seja possível a criação de novos lugares, ou seja, a produção de subjetividades a partir da diferença?”

(Valent & Castro, 2016, p.844)

<sup>4</sup>. modos de vida considerados menores, minoritários, não apenas mais frágeis, precários, vulneráveis (pobres, loucos, autistas), mas também mais hesitantes, dissidentes, ora tradicionais (povos da floresta), ora, ao contrário, ainda nascentes, tateantes ou mesmo experimentais (por vir, por descobrir, por inventar). (Pelbart, 2014, p.256)

<sup>5</sup>. A esse respeito ver o trabalho de Ailton Krenak, em sua obra: ideias para adiar o fim do mundo.

O programa TOCCA completou, em 2020, dez anos de existência e, neste tempo, desenhou-se de muitas maneiras e atendeu diferentes públicos por meio de ações e parcerias com várias instituições da cidade de Santa Maria envolvidas na promoção e produção de cultura e saúde, da rede de apoio socioassistencial e de educação, bem como envolvidas na rede de proteção social básica. Constituíram-se, igualmente, ações pertinentes à participação nos Conselhos Municipais de Assistência Social (COMAS), da Pessoa com Deficiência (COMPED), bem como no Conselho Municipal de Políticas Culturais (COMPC). A ação extensionista objetivou a produção de práticas e de saberes em uma perspectiva intersetorial e transdisciplinar na atenção a públicos diversos, buscando a investigação de metodologias de ação na interface com as artes que acompanhassem os complexos movimentos da vida dos sujeitos, que fomentassem a construção de redes cooperativas nas trocas materiais e afetivas, que favorecessem e inventassem modos de conviver, de uma vida em comum e a produção de um mundo outro (Angeli, 2020).

Na experiência junto à comunidade acadêmica e não acadêmica, viemos procurando por um conhecimento, outro que misturasse os saberes populares e os acadêmicos. Já que, como afirmam Sivestrini, Silva & Almeida Prado (2019):

as perspectivas, práticas e éticas comunitárias, sociais, culturais entre outras nas terapias ocupacionais, promovem concepções e abordagens que encontram na dimensão coletiva e plural novas formas de compreensão sobre a própria dimensão dos modos de vida, seus cotidianos e de suas ocupações e atividades humanas (p.937).

As práticas corporais, em especial, oriundas da Anatomia Emocional e da Técnica Alexander possibilitam a problematização de si, das relações vinculares com os outros humanos e outros seres presentes na natureza. Auxiliam na afirmação das singularidades expressas nos processos somáticos existenciais, abrindo uma observação, percepção e ação generosa consigo e com o outro. Os atravessamentos da deficiência, da loucura e de situações sociais graves são analisadores nos modos como fazemos corpo em relação, e as limitações e as possibilidades de cada vida passam a transversalizar e coletivizar as marcas individualizadoras dos estigmas. Colocar em roda, fazer circular horizontalmente, tecer redes materiais e simbólicas entre seres que se conectam, cooperando uns com os outros, são estratégias nos dispositivos criados pelo programa de extensão. Aliamo-nos a Regina Favre (2010), "o corpo é trabalho vivo, portanto, expressão e cooperação, construção material de mundo e história". Os enfrentamentos cotidianos, a cada semana de encontro nos grupos, aparecem e se relacionam com criar espaços para lentificar, para "fazer menos", para observar a si, aos outros, ao ambiente, desmanchando as formas prontas coladas nos corpos e nas mentes. Formas estas disponibilizadas por diversas mídias, acopladas às ideias de bem-estar, bem-viver, prosperar, pertencer. Lutamos, portanto, para esvaziar os corpos dos clichês de como viver para torná-los vivos (Favre, 2021).

Nesta direção, a transdisciplinaridade almejada estava em consonância com o desejo por uma ação prática voltada à cooperação entre os seres vivos e o que se definiu chamar natureza, entre as diversas

formas de pensar e produzir pensamentos e ações, entre os variados modos de significar, sentir, dar valor a espaços e realizar atividades na vida cotidiana. Grupos, duplas e equipes foram estratégias para se partilhar, para se convocar uma implicação com o coletivo, consigo e o outro em relação. Afirmava-se um desejo pela coexistência na diferença. Caminhava-se pelo contágio e pelos encontros entre corpos diversos, imateriais e materiais, sonhando um mundo outro<sup>6</sup>, outra ética, estética e política (Angeli, 2020).

Na construção do TOCCA, ao longo dos anos, notamos a necessidade de tecer, devagar, as pontes entre pessoas e espaços, a delicadeza dos movimentos em direção ao outro e a expressão dos estigmas em pequenos gestos e ações, olhares, tons de voz. Misturar gente demandou um cuidado de notar, dar a ver e a falar essas marcas que estão entranhadas em nós. Marcas oriundas do racismo, da desigualdade social, do patriarcado, do sexismo, dos preconceitos ligados às múltiplas formas de se reconhecer e de existir no mundo. Um exercício cuidadoso de tocar nestas linhas implicava em olhar para si e para o outro de modo mais generoso, reconhecer-se vivo, em seus limites e potencialidades, apreender os sentidos e significados presentes nos muitos jeitos com os quais nos relacionávamos uns com os outros. E manter a distância, as dissonâncias, as divergências, os conflitos de ideias, deixar aparecer o que não somos também, nossas dessemelhanças. Muitos saberes foram necessários no tecer de raízes diversas para fazer conviver essas “comunidades heterogêneas”<sup>7</sup>.

Apoiadas em Roland Barthes, Silva & Lima (2015) afirmam uma operação por um “pathos da distância”, um distanciamento que permite um junto que não seja a fusão entre os elementos que compõem um coletivo. “A distância é um espaçamento que preserva a diferenciação entre os seres, seus contrastes, atritos, ou seja, um espaço entre que permite que se mantenham singulares”. E chamam a atenção a um princípio de Barthes, o da delicadeza, uma espécie de errância social e estado amoroso. Com isso, perguntam-se: “Distância e delicadeza, aliados a um modo de operar juntos, poderiam ser qualidades para a formação de uma comunidade por vir?”.

Ao investigar grupos e coletivos que se reúnem em torno de propostas artístico-culturais, Valent & Castro (2017) observam que o que parece estar em jogo nas misturas entre pessoas enquadradas em diagnósticos da saúde e da assistência social em atividades colaborativas junto aos artistas, em diferentes projetos, “é a possibilidade de gerar trânsitos” (Valent & Castro, 2017). As autoras discutem o quanto cada uma destas personagens sociais e culturais pode vir a funcionar como “agente alfandegário” no deslocamento por territórios existenciais que não seriam possíveis de circulação sem essa experiência de um “ao lado”.

<sup>6</sup>. Trata-se, aqui, de empreender no mundo tal qual é uma reversão em seu jogo de forças hegemônico que tende ao sujeito-produção-informação-capital, na direção do fortalecimento e da recuperação das potências da vida, abrindo, com isso, outros possíveis ao mundo.

<sup>7</sup>. Coletivos que não se reúnem em torno de uma categoria identitária, rótulos, diagnósticos, mas sim grupos de pessoas que formam redes de cuidado e ajuda mútua, visando a produção de um comum “em termos de acesso à cidadania, de direito à cidade e de acolhimento e respeito por tudo que é incomum, singular, expressão da diferença” (Valent & Corsini, 2020, p.113).

Nesta direção também, muitos outros trabalhos discutem a importância dos fazeres humanos ligados à produção e à reprodução de cultura, dentre eles, os artísticos, na oferta de espaços de sociabilidade e de partilhas sensíveis, de pertencimento social, de transformação das condições reais de vida material e imaterial, tais como Mendes et al. (2019); Galvani et al. (2016); Inforsato et al. (2017), dentre outros.

Estudos que mostram a atuação de terapeutas ocupacionais na sustentação de ações no campo da cultura ou em diálogo com esse campo, desde equipamentos e espaços que compõem uma rede de promoção da fruição e da produção de cultura, e/ou se reúnem em torno das práticas artístico-culturais.

A aproximação e a garantia de exercício do direito à cultura ainda aponta uma outra dobra conceitual, relativa à importância destas ações na produção da expressão humana, na ampliação do potencial de criação de cada um e do coletivo no qual se está inserido, na afirmação e no acolhimento da diversidade de formas de ser e de fazer, na possibilidade de transformação real da vida cotidiana pela ampliação da capacidade de inventar percursos, projetos, saídas para as muitas adversidades que compõem o viver. Nesta direção, garantindo também a diminuição da violência e o aparecimento de outras formas de sociabilidade entre os humanos, com os outros seres vivos e o meio em que vivem. Neste sentido, concordamos com Liberman & Maximino (2016), quando dizem que “acessibilidade aqui, para além de ser um direito, é principalmente aquilo que pode possibilitar que algo aconteça”. Fomenta-se, assim, uma cultura de paz, como defende Coll (2002).

O TOCCA estava composto, em suas últimas versões (2018-2021), por três eixos, a saber: um corpo no mundo, caminhando, e matilhas poéticas, com ações em diferentes equipamentos culturais e nos espaços da cidade. No primeiro, onde se encontrava o coletivo experimentações performáticas, as ações se desenhavam pela composição entre artistas e terapeutas. Além desse grupo, estávamos no museu de arte, em um coral e em um ponto de cultura, como parte de nossas propostas, construindo composições transdisciplinares e heterogêneas nas atividades voltadas à fruição e produção em arte e acessibilidade cultural. No segundo, ações ligadas ao acompanhamento terapêutico produziam diferentes trânsitos pela cidade. E, no terceiro, realizávamos um trabalho com artistas de sustentação, capacitação continuada e fomento ao trabalho cooperativo. E, ainda, atuávamos junto ao segmento cultura viva do conselho municipal de políticas culturais (Angeli, 2021).

Investir na relação vida-arte-vida em sua radicalidade foi um desafio levado à última potência na construção do coletivo experimentações performáticas. Dentro do TOCCA, havia uma compreensão de que, neste dispositivo, intensificávamos nossos desejos na direção do heterogêneo. A aposta inicial se fez na urdidura de presenças de profissionais e estudantes da saúde e das artes e pessoas da comunidade não acadêmica, investidas de desejo em experimentar ações oriundas das artes da cena e das práticas corporais/educação somática para o movimento. Com o tempo, o que unia era o fazer. Entretanto, era preciso fazer menos, abrir-se ao contágio entre as formas, tecer um corpo a cada

encontro em relação, deixar ir as formas conhecidas do ser estudante, paciente, terapeuta, artista, dentre outras, aprender a estar, no aqui, corpendo<sup>8</sup> um junto.

No coletivo 'experimentações performáticas', pareceu-nos acontecer um processo de minoração<sup>9</sup> do próprio programa, ou seja, subtraindo, amputando, sobrepondo, colocando os elementos do próprio programa de extensão em variação contínua. Ao fazer isso, colocamo-nos em crise e ao próprio dispositivo, que não encontrava respostas fáceis para ser definido, que teve nomes sempre variáveis a cada vez, tornando-se obra em processo, aberta, passível de recortes arbitrários e enquadres provisórios. Assim, foi se desenhando esse coletivo, fazendo problema, inquietando e convocando o pensamento pelo meio do programa extensionista.

A força deste movimento por retirada apresentou uma questão. A frágil e provisória sustentação deste coletivo afetou e problematizou a escrita desta pesquisa, forçando o texto em sua parcialidade e precariedade imanente. E, portanto, para a construção cartográfica do experimentações, foi necessário reconstruir uma narrativa para o grupo, um recorte, a partir do que essa pesquisadora pôde, misturado e diferenciado no acontecimento-grupo. Uma narrativa entre tantas possíveis.

## **2. Método (Percurso metodológico)**

Compreendeu-se, na cartografia, um caminho de investigação que permitia seguir com. E, neste sentido, seguiu-se, produzindo com a escrita, uma experimentação, um desdobramento do que se propôs a estudar, uma abertura à invenção de procedimentos também no que seja o próprio ato de pesquisar. E, assim, exercitou-se na escuta das heterogeneidades de um campo e na disponibilidade para a composição com os elementos em jogo. Desejou-se seguir, com os sujeitos, seus percursos neste território fronteiriço entre clínica, corpo e arte.

Elegeu-se, no programa TOCCA, duas ações que compreendiam o eixo um corpo no mundo, em especial, os grupos: experimentações performáticas (2016-2019), e estudos e experimentações em anatomia emocional (2019). Buscou-se as narrativas somático-existenciais dos participantes, os procedimentos desenvolvidos no dispositivo que radicalizavam as relações entre os saberes das artes e da saúde no sentido transdisciplinar. Neste artigo, apresentam-se as análises empreendidas no percurso com o 'experimentações'. Este foi formado por integrantes que vinham da cidade e da comunidade universitária, com ou sem deficiências, históricos de sofrimento psíquico, situação de vulnerabilidade social, estudantes ou não, profissionais das artes e da saúde ou não, que se reuniam pelo desejo de inventar com seu corpo e as linguagens expressivas presentes nas artes da cena e da contação de história, pequenas narrativas performáticas<sup>10</sup>.

Desenvolvida por meio da cartografia, observou-se o registro em diários de campo, em prontuários do grupo, em imagens e fez-se um estudo de material teórico referente às interfaces entre as artes e terapia ocupacional. Por meio da imersão neste material, teceu-se narrativas. Por se tratar de uma pesquisa cartográfica, as implicações da pesquisadora foram igualmente consideradas e as análises aconteceram

ao longo de todo o trajeto da pesquisa, e incluíram as anotações em diários de campo e registros fotográficos, bem como desenhos realizados pela pesquisadora de seu próprio corpo em relação aos acontecimentos. Destes materiais, selecionaram-se palavras, verbos que mostravam movimentos, procedimentos descritos que se repetiram e que instauraram rupturas e inovações para proceder ao mapeamento das linhas de força, conjugando-as com o referencial teórico da pesquisa. A análise do material também foi dinamizada pelas reuniões com a equipe do programa e pelo compartilhamento das descobertas em curso com os participantes dos grupos analisados, por meio de encontros específicos e conversas individuais. Escolheu-se, neste artigo, apresentar a cartografia dos pontos de repetição, rupturas e inovações, que exprimem o movimento do território estudado pelos verbos colhidos: Acolher, esquivar e tentar.

### 3. Resultados e Discussão

#### Pelos rastros e pistas do coletivo Experimentações Performáticas



**Figura 1:** Tecendo redes. (2017)  
Fonte: Acervo da pesquisa

“um corpo feito de corpos

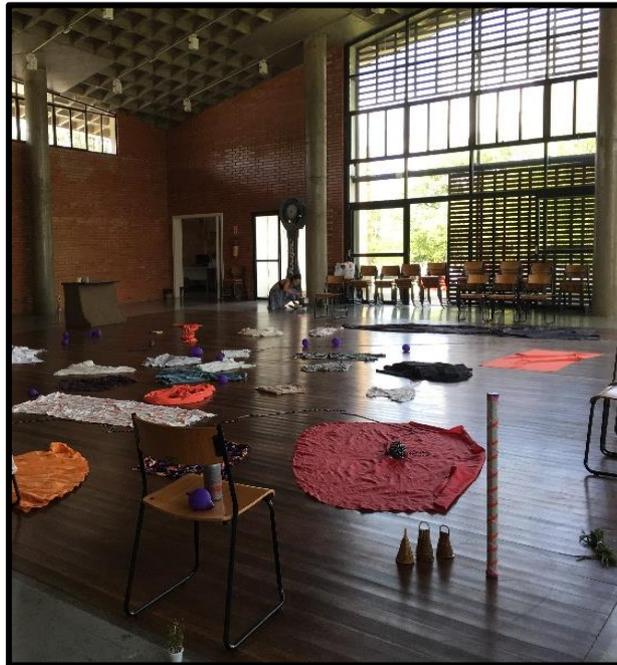
que coincidem num território de fazer junto”

(Inforsato et al, 2017)

[...] Ele caminhava pelas ruas de chão batido: “– Dona fulana, as meninas da universidade vão fazer um grupo para lidar com o corpo...sim, tipo ginástica.... sim, certo que dá para emagrecer... abaixar a pressão”. Conhecia a história de cada uma delas. Um dia o grupo iniciou em uma tarde de sexta-feira, em um barracão coberto de caixas de leite por dentro para inibir o frio. Iniciávamos os rastros do experimentações na forma de um grupo de mulheres [...]

<sup>8</sup>. Corpando, palavra presente no vocabulário de Regina Favre, dá a ver os processos de corporificação que estão sempre se fazendo no tempo presente. Vide: Favre, R. Do corpo ao livro. São Paulo, ed. Summus, 2021.

<sup>9</sup>. Para aprofundamento, ver : Deleuze, G. Un manifeste de moins. In: Bene, C. & Deleuze, G. Superpositions. Paris: Minuit, 1979. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 6(3), 1133-1151, 2022.



**Figura 2:** Performance coletiva. (2017)  
Fonte: Acervo da pesquisa

[...] Os ventos daquela estação nos levaram para uma escola estadual da região. Foi necessário ir buscar em casa, ajudar a deixar as tarefas domésticas para vir conosco, a perceber que as crianças podiam vir junto. Algumas conseguiram, outras não. Não era fácil. Os encontros eram marcados por narrativas de si, recheadas dos enfrentamentos relacionados ao machismo e às violências domésticas, ao racismo e às muitas expressões da desigualdade social. Eram, também, momentos de estar na escola e de sonhar voltar a estudar, de usar seu corpo de outras e diferentes formas no dançar, na capoeira, no samba, em atividades circenses. Deitar, respirar, descansar, habitar a si mesma, em outros tempos e espaços, perceber-se e as marcas de suas narrativas, produzir novas histórias de si e com as outras. [...]

[...] Nos rastros da invenção deste grupo, uma outra ação com mulheres e a dança, o conhecido “grupinho das somáticas” se encontrava uma vez por semana na universidade para experimentar práticas de educação somática e inventar procedimentos em dança derivados destas vivências. Surge, então, o desejo de juntar as mulheres da comunidade e da universidade e quem mais desejasse. Iniciamos o tempo do grupo na universidade, habitando muitos espaços diferentes [...]

[...] Um dia ela entrou na sala e percebeu os espelhos. Ela se viu neles. Moveu-se, observando seu corpo, soltou os cabelos, sorriu, deslocou-se pelo espaço em pequenos saltos, tal bailarinas clássicas em o ‘lago dos cisnes’. Outros a acompanharam. Agarrou-se às barras de exercícios e elevou suas pernas, deslocou-se pelo espaço dando piruetas, depois, desabou nos colchonetes, rindo, rindo muito. [...]



**Figura 3:** Práticas com circo. (2019)  
Fonte: Acervo da pesquisa.

[...]. Fazia muito calor naquela tarde, enchemos balões de ar com água e nos colocamos a nos mover pelas sensações produzidas no encontro do corpo com aqueles objetos. [...]

[...] Em 2017, o trabalho foi conduzido pelo fio narrativo do livro: a moça tecelã<sup>11</sup>, e seus muitos desdobramentos. Experimentamos tecidos, fios, águas, cirandas e, ao final do ano, apresentamos uma performance coletiva [...]

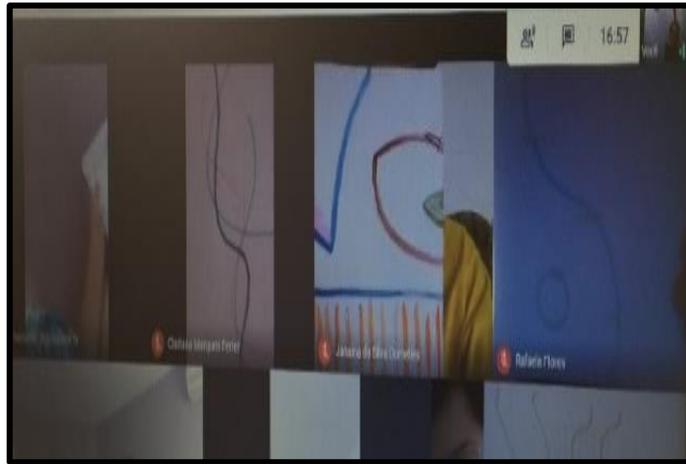
[...] naquela tarde, ela chegou mais cedo, conseguira uma carona, aproveitamos para conversar da vida, do irmão com deficiência visual sem benefícios, da luta por recuperar seu benefício cortado pelo novo governo, da fome e das dificuldades de acessar serviços de saúde. Neste dia, mobilizados pelo livro da artista Lucimar Belo, "caracol é uma casa que se anda"<sup>12</sup>, cada um descrevia uma casa imaginada para o outro e compúnhamos, com nossos corpos, essa forma em cooperação. Casas que se moviam. Ela experimentou muitas casas e não conseguia inventar uma pra si, com os braços envoltos no corpo, movia-se em balanceios curtos, cocorpamos e, aos poucos, ela riu e fez o som, "parece uma máquina de lavar", diz. Emocionados, construímos sua casa - máquina de lavar, colocando-nos em pequenos círculos que se envolviam. Lavamos o mundo em nossos corpos. [...].

<sup>10</sup> Entende-se que a composição somática individual e coletiva, que se estabelece vincularmente, permite a experimentação de outras formas de si, que são partilhadas e alimentam a todos os integrantes. Narrativas performáticas são as ações expressas nos desenhos de si no espaço e no tempo do grupo destas experiências e seus compartilhamentos entre todos e todas as integrantes.

<sup>11</sup> Colasanti, M. Moça Tecelã. São Paulo: Global editora, 2004.

<sup>12</sup> Belo, L. Caracol é uma casa que se anda. SP: Editora Labrador, 2016.

<sup>13</sup> Catalisadores na clínica é uma ideia que aparece no trabalho de Nise da Silveira, quando toma o desenho, a pintura, a escultura como espécies de catalisadores no processo terapêutico dos usuários do Engenho de dentro. Aqui, pensamos o performar como catalisador.



**Figura 4:** Experimentações on-line (2020)  
Fonte: Acervo da pesquisa

[...] Em 2020, pandemia da COVID-19, o grupo parou por um bom tempo, depois, inventamos um junto virtual. A cada encontro, mais curto que o habitual, experimentávamos-nos narrar, ouvir e partilhar ideias, afetos, memórias. Fizemos algumas práticas corporais, ouvimos e cantamos músicas, lemos e escrevemos poesias, contamos histórias, encenamos e dançamos no que pudemos, naquele espaço quadrado da tela, cuidamos-nos uns aos outros. Estivemos juntos e juntas, mais uma vez [...]

### **Acolher, esquivar e tentar**

Nos trajetos deste grupo, o desejo pelas ações partilhadas se tornou o mote para um exercício de estar com o outro e de achar formas de produzir junto sem que precisássemos fazer do mesmo jeito. Em uma disposição radical, perseguíamos a proposição do artista brasileiro, Hélio Oiticica, com seu Experimentar o experimental, e enveredávamos para um estado de presença e prontidão a cada encontro para o que iria acontecer. O plano era, naqueles tempos e espaços dados, inventar ações, conectar falas e gestos/movimentos que surgissem. Não havia uma finalidade, um objetivo a percorrer, um resultado a alcançar para além de estar junto e experimentar. Por vezes, era deitar e conversar livremente, acolher a preguiça, outras, era contar histórias de si e do mundo, dos livros de literatura e poesia. Ainda, passear com ou sem destino: andar pelos espaços do campus da universidade, ir ao museu, ver uma exposição ou espetáculo de dança/teatro.

Encontramos ressonâncias com o que propõe a terapeuta ocupacional Gisele Asanuma et al. (2018), quando diz:

Nenhum compromisso formal com os moldes esperados em um encontro circunscrito a enquadres clínicos. O que mais importava era garantir a presença e o encontro. Nem a clínica, a cura, a produção de obras, a arte, a cultura e nem mesmo o eu, estavam obrigados a nada. Nenhuma demanda a responder, ninguém a incluir, nada prescrito a fazer. A mobilidade, a ausência de formatações era o que interessava (p. 654).

Viver esses encontros era de uma intensidade brutal, deslocando-nos do conhecido. Lavar a vida em um casa-máquina de lavar cria uma poética que contagia e impregna os corpos com possíveis outros, a partir do momento em que podem ser limpos dos clichês de mundo e de como viver. Um procedimento performativo. "Ao mesmo tempo ético e estético (...). Ético, pois implicado com uma afirmação do vivo, com aquilo que expande a potência da vida. Estético, pois é ali onde a vida pode inventar-se, novos sentidos" (Angeli, 2008).

O caráter performativo do grupo faz encontrar rastros de uma arte que se deseja conectada com a vida, que se move com ela e o mais ordinário do cotidiano, bem como interfere diretamente na produção da vida mesma. Estar na cidade, na praça, na universidade pode vir a interferir na repetição do mesmo, do hábito de ser cidade, universidade, praça destes espaços, pode abrir fissuras no instituído conectando elementos díspares nestes cenários. "Considerando a performance um espaço de alteridade na arte, o performático como 'lugar de subjetivação', ressalta seu caráter político (...) pela sua capacidade de criar formas de intervenção social e simbólica" (Pedron, 2013). Uma fresta que faz respirar.

A potência estética, no entanto, esvaziava-se na confusão entre quem ou o que podia ou não ser arte, ou artista. Quem define? O que define? A aliança com concepções contemporâneas nas artes agenciava pequenas esquivas destes lugares de saber-poder. A "necessidade" de formação em arte, vivida também pelos estudantes, produzia um problema, quem pode ser artista? Em especial, quando se encontravam com o que pessoas sem formação em artes com sofrimento psíquico e/ou com deficiências produziam, surgia uma linha dura, às vezes, intransponível. Apesar do reconhecimento da poética presente em algumas experimentações do grupo, a dobra e o amadurecimento necessários para tornar obra, desmanchavam-se no ar dos encontros pulverizada pelas forças do estigma.

Esquivar-se da necessidade de obrar, de eternizar e fazer durar, criava um deslocamento necessário e uma afirmação do performativo. Ao mesmo tempo em que nos possibilitava acolher a fragilidade de uma obra-viva, sempre se fazendo e aberta aos acontecimentos. Assim, em alguns momentos, quando um ou o coletivo enveredava a se experimentar, desde o seu lugar somático-existencial, a potência estética circulava entre, e as formas de si se integravam às formas do junto, e algo singular e comum emergia. Potências éticas e políticas emergiam no que se exprimia. Momentos de muita alegria, força, emoção. Saíamos sem compreender ao certo o que havia acontecido. Não era possível nomear o vivido. Esses instantes provocam outras perguntas: Será preciso se afirmar no campo disciplinar da arte? Que é que torna necessário chamar arte essa produção ou não? Com que forças lidávamos dentro e fora da universidade? Talvez a questão que se abra seja: quando chamar ou não arte em favor da vida que se engendra com essa palavra?

A abertura, a chegada sempre de novos integrantes, as saídas e voltas, as passagens temporárias e as permanentes de pessoas por este coletivo, fizeram-nos perguntar como se sustentava essa grupalização, um grupo sempre provisório, reunido na tênue vontade de fazer algo junto. Formas de fazer, de estar e de comunicar que criavam um trânsito afetivo, muscularizando a presença, criando um vínculo

importante entre e com quem quer que seja o outro. Apareceram nestes interstícios as durezas da clínica, que parecia ter de responder a estes enquadres, quando parecia que só o terapeuta seria capaz de entender a fala estranha, o andar cambaleante e de agir frente ao corpo “deficiente” e à “falta de linearidade” da fala de alguém, por exemplo. Quando as questões, as crises e as diferenças se radicalizam, aparecia um lugar sedutor de poder e de saber, que se repetia as figuras que encarnavam esse lugar. Esquivar-se, nesse jogo de forças, era um ato ético-político necessário à abertura de possíveis aos modos de ser para todos e todas.

Acolher e esquivar-se foram também movimentos observados para fazer fugir essa dureza em outra coisa no dispositivo, para que a potência clínica pudesse se exprimir de outras formas na presença, no coletivizar dos problemas, no deslocamento dos lugares instituídos da deficiência, da loucura, da vulnerabilidade social em prol das existências das pessoas. O que promovia o deslocar e a afirmação do existir para todos e todas.

Notamos, também, na apropriação e nos cuidados de si, empreendidos por cada um e pelo grupo, uma circularidade do cuidar e da clínica em sua potência de elaboração, de expressão, de comunicação de si, de produção de outros mundos para habitar, de novas sociabilidades e modos de pertencer, possibilitando aos representantes deste lugar no grupo funcionar como catalisadores (Silveira, 1981)<sup>13</sup> do como cada um se apresenta, relaciona-se, faz e transita neste espaço, criando condições para que o como de cada um tivesse lugar e pudesse se apresentar e se inventar à sua maneira. Uma clínica peripatética (Lancetti, 2016) trabalhando na sustentação, assim, da diversidade.

A delicadeza do trabalho é notada na eminência cotidiana de captura pelas forças duras de expressão do que chamamos clínica e arte. Havia uma hesitação quanto ao desmanchar demais o lugar profissional, havia as dúvidas dos estudantes que vivenciavam de modo assustado esse processo, dos profissionais que se perguntavam sobre sua função no grupo. A radicalidade de “estar junto, e experimentar” enrijecia músculos ou esparramava em uma ‘não’ forma, palavras, olhares, presença. Era um trabalho sutil e coletivo ir tecendo, a cada encontro, uma frágil presença de ser a cada vez um, no e com o grupo. Era preciso errar, em seu duplo sentido, de vagar sem direção pré-definida e de não procurar acertar, encontrar a verdade, o fundo, o sentido único para o qual seguir. Prosseguir na vida, com vida, exigia se liberar para habitar múltiplos e variáveis sentidos a cada vez.

Seguimos Mendes & Castro, quando apresentam as ideias de Deligny e suas jangadas,

Criam-se lugares de existência em que os modos de ser de cada um, com suas diferenças e singularidades, seus tempos e ritmos próprios encontram lugar. Esse ‘modo jangada’ de viver junto parece produzir algum cuidado, alguma saúde ou vitalidade. Preservam-se aberturas, afirma-se uma condição de inacabamento, imperfeição e fragilidade. Deixa-se de priorizar qualquer tentativa de se encaixar ou fazer o outro encaixar em determinada norma para o viver. Há uma certa liberdade que dá vazão às possibilidades de vida, potências de ser (Mendes & Castro, 2020, p.352).

Esquivar-se, acolher e tentar, aparecem como verbos que pareceram traduzir, nessa cartografia, os movimentos e relações no experimentações. Constituindo-se uma leitura entre tantas desse coletivo. No processo, foi preciso esquivar-se conscientemente das categorias dominantes de subjetivação que nos colocavam no lugar de professores, terapeutas e artistas, estudantes, doentes e/ou deficientes, pobres ou qualquer outra categoria identitária. Acolher esse jogo de forças presente e tentar outras composições com os elementos em jogo presentificados a cada vez.

##### **5. Conclusão** - Movimento 'Experimentações': notas finais.



**Figura 5:** Mar de palavras  
Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Favorecer, em si mesmo e no meio, o crescimento de um nada de vontade é resgatar o potencial, a situação como potência de encontro (...). O nada de vontade, a desafeição em relação às questões reconhecidas, é o resultado de um encontro com o mundo (Zourabichvili, 2000, p.348).

Avizinhar-se, talvez fosse um verbo que dissesse essa comunidade que se fazia no experimentações. Assim, o que se pode apreender dela são efetuações provisórias, frágeis, afinal, o comum (Agamben, 2013) é o que foge inapreensível. Neste sentido, avizinhar-se da clínica e da arte deu a ver as potências, na mesma medida em que foi preciso se deixar ir por aquilo que se tecia em presença a cada vez. Uma composição de si processual e em relação, uma obra aberta e conectiva, um recorte no tempo de um processo contínuo de criação de si e do mundo (as obras podem vir a engendrar mundos-vidas possíveis). Uma comunidade de experimentações se armou no entre as suas palavras e seus silêncios, presenças e ausências, seus movimentos e suas pausas, frágil, provisória e sempre se fazendo.

Notamos que a potência da cooperação, entre os seres e seus muitos modos de viver, foi a força de resistência às durezas que circulavam, bem como a de acionar a delicadeza da escuta, do se fazer presente, do agir, pausar, dizer e silenciar com atenção ao que estava em jogo em si e nos outros. Foi preciso chacoalhar o conhecido, mas, também, repetir formas, adensar, amadurecer o novo descoberto, para poder bagunçar de novo. Assim, em outros momentos, o mapa nos narrou a repetição de ações por vários encontros seguidos ou o retorno para sequências experimentadas em outros dias. Ir e vir, variar.

Foi necessário, ainda, tentar não ser clínico ou artista para que as potências clínicas e poéticas aparecessem no jogo das relações criadas no e com o grupo, ou ainda, agitar as mesmices da deficiência, da vida universitária, da pobreza e da loucura para que as pessoas pudessem se autorizar a existir. Tais direções para mover um junto nos libertavam para experimentar outros coletivamente e para que outras nuances aparecessem nos processos de vinculação. O que demandou uma atenção frouxa, que se dirigia criticamente ao que se fazia, seus efeitos em si e nos outros. Uma atenção a um junto que mantém a devida distância que se fazia ali, a cada encontro, com certo desenho. Fomentando, assim, pequenos deslocamentos nos modos de subjetivar contemporâneos.

## Referências

Agamben, G. (2013) *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica editora.

Almeida Prado, A. C. S., Silva, C. R., & Silvestrini, M. S. (2020). Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 706-724. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1846>.

Angeli, A. A. C. (2008) *Respiros - Por um estado de jogo entre o teatro e a clínica*. [Dissertação de Mestrado, PUC-SP]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15680>

Angeli, A. A. C. (2020.) *PROGRAMA TOCCA: Práticas e saberes transdisciplinares entre as artes e a saúde*. Projeto de extensão, Santa Maria: UFSM.

Angeli, A. A. C. (2021) Vagar e ocupar: dez anos de narrativas no TOCCA – saberes e práticas transdisciplinares entre as artes e a saúde. *Interface (Botucatu)*. 25: e210218. <https://doi.org/10.1590/interface.210218>

Asanuma, G.; Valent, I.; & Mendes, M. L. (2018) Encontrar-te trajetos poéticos e invenção de lugares. *Interface (Botucatu)*.; 22(65):649-62. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0102>

Cardinalli, I & Castro, E. D. (2019) Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 3(4), 584-601. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto27760>

Cardinalli I, Cardoso P. T., Silva C. R., Castro E. D. (2021) Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e Terapia Ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak. *Interface (Botucatu)*. <https://doi.org/10.1590/interface.210262>

Castro, E. D.; Inforsato, E. A., Buelau, R. M., Valent, I. U., & Lima, E. A. (2016). Território e diversidade: trajetórias da terapia ocupacional em experiências de arte e cultura. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 24(1), 3-12. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0663>

Coll, A.N. (2002) Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização. *Cadernos de Proposições para o Século XXI*. São Paulo: Instituto Pólis.  
<http://hdl.handle.net/11465/424>

Favre, R. (2010) Trabalhando pela biodiversidade subjetiva. *Cadernos de Subjetividade*. 12(1), 108-123. <https://cadernosdesubjetividade.wordpress.com/2013/10/26/cadernos-de-subjetividade-n-13-2010/>

Favre, R. (2021) *Do corpo ao Livro*. SP: Summus editora.

Galheigo S. M. (2020) Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 28(1): 5-25. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>

Galvani, D., Barros, D. D., Pastore, M. D. N., & Sato, M. T. (2016). Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(4), 859-868. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARF1004>

Inforsato, E. A. et al. (2017) Arte, corpo, saúde e cultura num território de fazer junto. *Fractal Rev. Psicol.*, 29 (2), 110-117. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2160>

Krenak, A. (2019) *Ideias para adiar o fim do mundo*. SP: Companhia das Letras ed.

Lancetti, A. (2016) *Clínica Peripatética*. SP: Hucitec ed.

Liberman, F.; & Maximino, V. (2016). Acessibilidade e experiência estética: um trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 24(1), p. 139-146. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0671>

Lima, M. E. A. (2019) Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em terapia ocupacional. IN: Silva, C. (org) *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional*. SP: Ed. HUCITEC.

Mendes, M. L., & Castro, E. D. (2020). Fernand Deligny e uma clínica por vir: mobilizações sobre modos de cuidar em saúde mental na infância e adolescência. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 28(1), 343-355. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1754>.

Mendes, V. M. et al (2019) Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida. *Psicologia Política*. 19 (45), 351-369. mai-ago.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2019000200015&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000200015&lng=pt&tlng=pt).

Pedron, D. (2013) Performance e escrita performática. *Cadernos de subjetividade*, n. 15. (impresso)

Silva, C. R. Silvestrini, M. S.; Poellnitz, J. C. V; Prado, A. C. S. A.; & Junior, J. D. L. (2018). Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26, (2), p. 489-500.

<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1128>

Silva C.R., Morrison R, Calle Y, & Kronenberg F. (2019) Terapias Ocupacionais do Sul: demandas atuais a partir de uma perspectiva sócio-histórica. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 3(2): 172-178.

<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto24867>

Silva, J. A.; & Lima, E. M. F. A. (2015). Comunidades provisórias entre pessoas quaisquer: encontros de delicadeza, criação artística e diferença. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(3), p. 673-68. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoEN0618>

Silva, J. A; & Lima, E.M.A. (2014) Ocupar-se de nada, povoar-se de muito. *Cadernos de Subjetividade.*, p. 151-162. (impresso)

Silveira, N. (1981) *Imagens do Inconsciente*. RJ: Alhambra editora.

Silvestrini, M. S., Silva, C. R., & Almeida Prado, A. C. da S. (2019). Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 27(4), 929–940. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1727>

Valent, I. U; & Castro, E. D. (2016.) Por entre as linhas dos dispositivos: desafios das práticas contemporâneas na interface terapia ocupacional e cultura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 24 (4): 837-848. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoEN0666>

Valent, I. U.; Machado, A.; & Corsini, L. (2020.) Comunidades heterogêneas, produção do comum e acolhimento ao incomum. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29 (66), 113-121. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/579>

Valent, I. U; & Castro, E.D. (2017) Da diversidade ao comum: práticas artísticas, cidadania e políticas sociais. *RELACULT – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 03. <http://doi.org/10.23899/relacult.v3i3.475>.

Zourabichvili, F. (2000). Deleuze e o possível. IN: Alliez, E. (Org) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: ed. 34.

**Contribuição da autora:** Responsável por toda a elaboração do estudo.

**Fonte de Financiamento:** Financiamento à Pesquisa (FIPE-SENIOR) do Centro de Ciências da Saúde da UFSM

**Recebido em:** 25/11/2021

**Aceito em:** 30/06/2022

**Publicado em:** 31/07/2022

**Editor(a):** Beatriz Takeiti